
01» TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL Cultura

Diário da Serra>

OUTUBRO DE 2017 - EDIÇÃO 50 | ISSN 2238-6467



Cultura Caderno de Brim

Nódoa no Brim

“Quando criança, eu queria ser
Castro Alves...”

Cláudio Márcio da Silva (PPGEL/UNEMAT)



O escritor e jornalista Antônio Torres já conquistou um lugar importante tanto na literatura quanto na formação histórico-social do Brasil contemporâneo. Dentre outros aspectos, ele continua com debates importantes para a sociedade brasileira, debates estes que incorporam os elementos que formam a cultura no país, sobretudo a de massa, atrelando-se de forma consonante com a produção literária do Brasil do final do século XX. Distingue parcialmente sua escrita das outras produzidas neste mesmo período ao evocar os elementos de massa de forma complementar aos conflitos que são recorrentes em seus textos, fazendo um contraste entre rural e urbano. Quando criança, relembra que seu desejo era ser o poeta romântico Castro Alves, não por sua imortalidade, que Torres também já alcançou, mas talvez porque, como ele próprio brinca: “O cara era bonito como um corno e dava muita sorte com as mulheres. Quem é que não queria ser Castro Alves?” Mas esse desejo também vinha por influência das leituras que fazia na época, porque mesmo oriundo de um lugar onde o acesso à leitura era muito escasso, Antônio Torres não esconde estar o poeta entre os preferidos, que tinha seus versos recitados em palanques por ele, assim como o romancista Jorge Amado.

Construindo-se ao longo de décadas de produção a partir das personagens que criou, das tramas que teceu, dos sentimentos que explorou; enfim, da solidão da escritura, o escritor Antônio Torres explora novas formas de narrar, ultrapassando o prosaico e o pitoresco. A sua produção não se constitui somente como uma simples representação da miséria, mas vai além disso. Trata-se de uma sondagem das afetividades e das relações humanas feita por meio de um mergulho na configuração do sofrimento, do desencanto, e da memória como o espaço que habita o ser. É o discurso memorialístico que dá forma aos fracassos e a solidão do homem contemporâneo imerso na engrenagem da arbitrária organização social, evidenciando o absurdo da condição humana.

02 >> TANGARÁ DA SERRA - MT - BRASIL

Diário da Serra

OUTUBRO DE 2017 - EDIÇÃO 50 | ISSN 2238-6467

Essa terra



Se estiver vivo um dia ele aparece, foi o que eu sempre disse. - O que foi que o senhor disse?
Naquela hora eu podia fazer uma linha reta da minha cabeça

até o sol e, como um macaco numa corda, subir por ela até Deus – eu , que nunca tinha precisado saber as horas.

Era meio-dia e eu sabia que era meio-dia simplesmente porque ia pisando numa sombra do tamanho do meu chapéu, o único sinal de vida na velha praça de sempre, onde ninguém metia a cabeça para não queimar o juízo. Loucos ali só eu e o matuto com seu cavalo suado, que surgiu como uma aparição dentro de uma nuvem de poeira, para deter a minha aventura debaixo da caldeira de Nosso Senhor.

- Qualquer pessoa deste lugar pode servir de testemunha. Qualquer pessoa com memória na cabeça e vergonha na cara. Eu vivia dizendo: um dia ele vem. Pois não foi que ele veio?

- O senhor estava com a razão.

- Ele mudou muito? Espero que ao menos não tenha esquecido o caminho lá de casa. Somos do mesmo sangue.

- Não se esqueceu, não, tio – respondi, convencido de que estava fazendo um esclarecimento necessário não apenas a um homem, mas a uma população inteira, para quem a volta do meu irmão parecia ter muito mais significado do que quando o dr. Dantas Júnior veio anunciar que havíamos entrado no mapa do mundo, graças a seu empenho e à sua palavra de deputado federal bem votado. Foi um dia muito bonito, tão bonito quanto os dias de eleição, embora sem as arruaças, as cervejas e as comidas dos dias de eleição, porque tudo aconteceu de repente, sem aviso prévio. O deputado subiu no palanque feito às pressas em frente do mercado, ergueu seu paletó empoeirado sobre todos nós e disse que o Junco agora era uma cidade, leal e hospitaleira. Agora podíamos mandar no nosso próprio destino, sem ter que dar satisfação ao município de Inhambupe – e foi justamente essa parte do discurso que o povo mais gostou. E no entanto esse dia já está se apagando da nossa lembrança, apesar de nada mais ter acontecido daí por diante.

Quem não mudou em nada mesmo foi um lugarejo de sopapo, caibro, telha e cal, mas a questão agora é saber se meu irmão ainda se lembra de cada parente que deixou nestas brenhas, um a um, ele que, não tendo herdado um único palmo de terra onde cair morto, um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus ray-bans, seu rádio de pilha – faladorzinho como um corno – e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens – e eu, que nem havia nascido quando ele foi embora, ia ver se acordava o grande homem de duas décadas de sono, porque o grande homem parecia ter voltado apenas para dormir. Levanta, cachorro velho, antes que os morcegos te comam. Acorda, antes que a alma penada do teu tão saudoso avô queira um relatório completo de tua viagem. Anda depressa, que ele esta saindo de cova para vir dar um tapa nas tuas costas: - Caboco setenta. Tu vale por setenta deste lugar. – Por que, Padrinho? – Porque tu já conhece quatro estados do mundo, não é, meu fio?

Antônio Torres

Eu estava louco para tomar um banho no tanque velho (lá mesmo, onde todos nós vamos morrer afogados) e queria que meu irmão fosse comigo e estava pensando em arranjar uma jega, a mais fogaosa que houvesse, para o famoso Nelo matar a saudade de um velho amor.

- Diga a ele que ele nasceu ali – meu tio apontou para o lado do curral da matança. – Diga também que eu carreguei ele no meu ombro.

- Nelo se lembra de tudo e de todos, tio. Nunca vi memória tão boa – insisti -, para não deixar a menor dúvida em seu espírito. E só então ele haveria de permitir que eu continuasse a minha caminhada.

- Fico muito satisfeito – meu tio sorriu, no seu jeito encabulado de homem sério, e o cavalo me cobriu com outra nuvem. A alpercata esmaga minha sombra, enquanto avanço num tempo parado e calado, como se não existisse mais vento no mundo. Talvez um agouro. Alguma coisa ruim, muito ruim, podia estar

acontecendo.

- Nelo – gritei da calçada. – Vem me ensinar como se flutua

em cima de tronco de mulungu. Me disseram que você já foi bom nisso.

Não ouvi o que ele respondeu, quer dizer, não houve resposta. Não houve e houve. Na roça me falavam de um pássaro mal- assombrado, que vinha perturbar uma moça, toda vez que ela saía ao terreiro, a qualquer hora da noite. Podia ter sido o meu irmão quem acabava de piar no meu ouvido, pelo bico daquele pássaro noturno e invisível, no qual eu nunca acreditei. Atordoados, me apressei e bati na porta e bastou uma única batida para que ela se abrisse – e para que eu fosse o primeiro a ver o pescoço do meu irmão pendurado na corda, no armador da rede.

- Deixa disso, Nelo – Bati com a mão aberta no lado esquerdo do seu rosto e devo ter batido com alguma força, porque sua cabeça virou e caiu para a direita. – Deixa disso, pelo amor de Deus – tornei a dizer, batendo na outra face, e ele virou de novo e caiu para o outro lado.

Pronto.

Eu nunca mais iria querer subir por uma corda até Deus. [...]

TORRES, Antônio. Essa Terra. 2. Ed. Rio de Janeiro. BestBolso, 2013.

“Quando criança, eu queria ser
Castro Alves...”

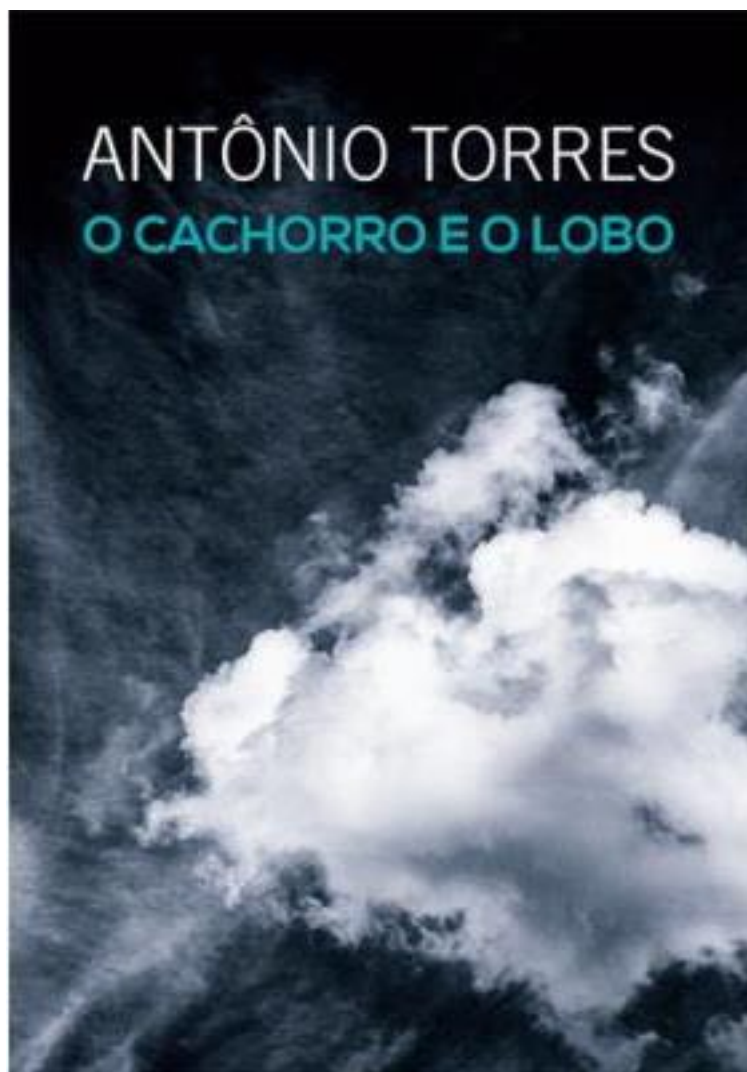
Cláudio Márcio da Silva (PPGEL/UNEMAT)

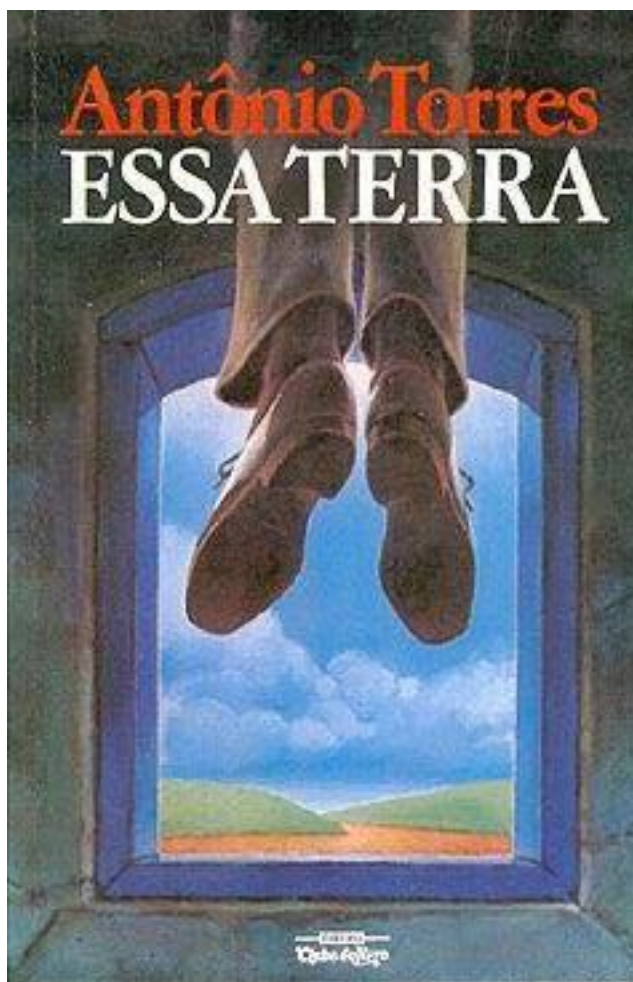
Brasil recebeu, no ano 2000, o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra, e, em 2006, foi um dos vencedores do Prêmio Jabuti com romance *Pelo fundo da agulha*. Também recebeu, em 2001, por seu romance *Meu querido canibal* (2000), o Prêmio Zaffari & Bourbon, da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, Rio Grande do Sul.

Suas obras possuem a linguagem densa que plasman uma narrativa marcada por um intimismo revelador de uma medida sempre imprecisa do ser, o homem é a sua grande matéria vertente. Curta e precisa, a sua narrativa explora os limites entre o sinistro e o sublime, o arcaico e o contemporâneo, a cultura erudita e o cancionário popular, enfim, destaca o sertão universal.

Em 07 de novembro de 2013, Antônio Torres foi eleito como imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), passando a ocupar a cadeira de número 23, pertencente anteriormente a Luiz Paulo Horta, que tem como fundador Machado de Assis, e, como patrono José de Alencar. É o oitavo a ocupar a cadeira, que já pertenceu a Zélia Gattai e a seu conterrâneo Jorge Amado. Acerca de sua eleição, Torres comenta: “Fizeram sorrir uma velha criança! Me sinto feliz por sentar na cadeira que foi de Jorge Amado, um dos escritores que mais me apoiaram no começo da carreira, e também de Machado de Assis, de quem sempre fui leitor. Estou em estado de graça, isso é resultado de uma longa estrada”.

ANTÔNIO TORRES
O CACHORRO E O LOBO

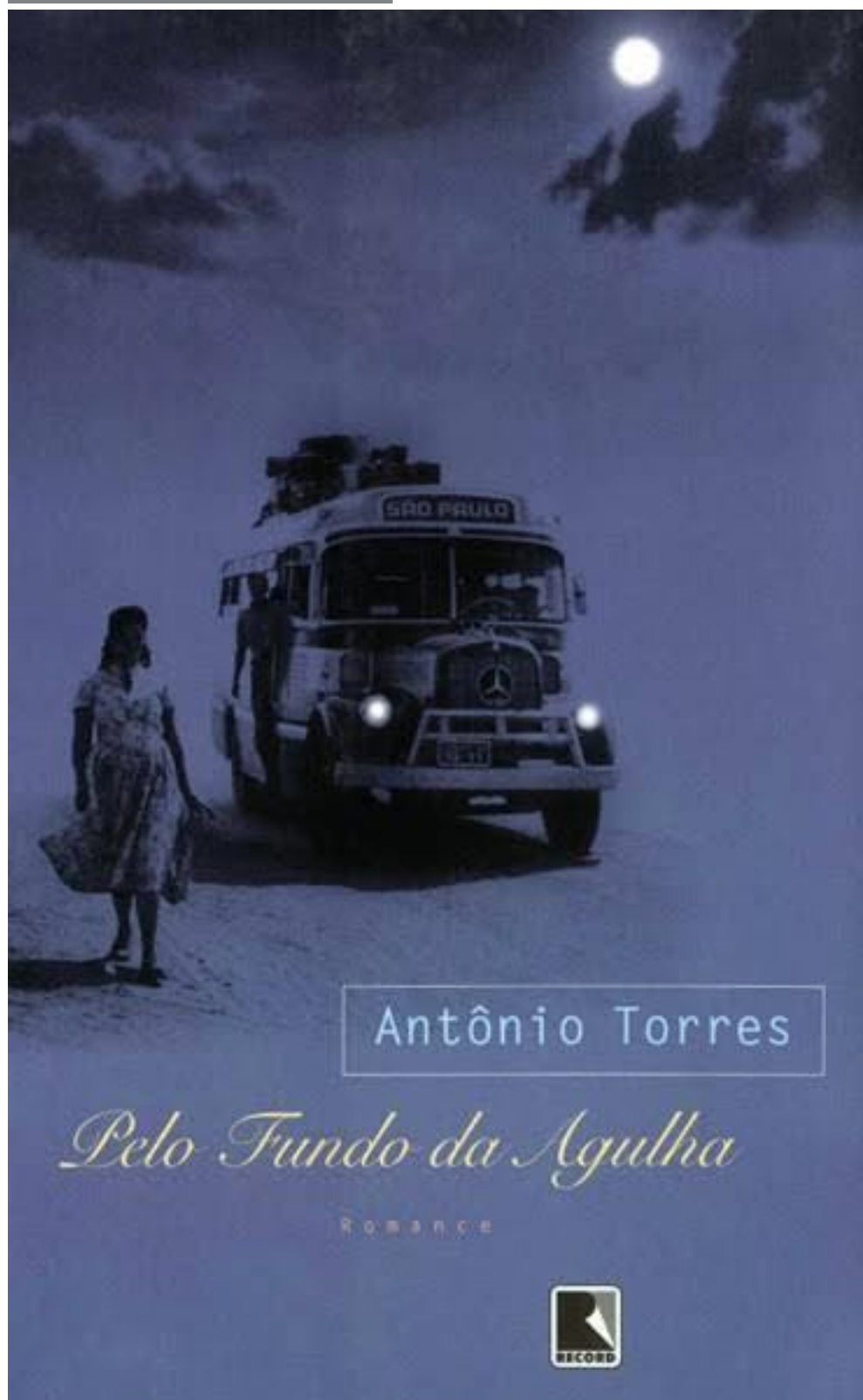




Foi como romancista que se tornou conhecido no país, e também no exterior, alcançando o ápice de sua carreira. Seus textos transitam pela prosa e, de modo geral, abordam a questão da migração no sentido de deslocamento do sujeito, que vem permeada por lembranças do passado difícil. A memória, portanto, conforma-se como o fio condutor em seu processo criativo. Sua trilogia, composta por *Essa terra* (1976), *O cachorro e o lobo* (1997) e *Pelo fundo da agulha* (2006) emerge como uma autêntica saga do deslocamento, cujas personagens cumprem um destino que é marcado intensamente por mudanças, desvios e sofrimentos. Nessa direção a representação da pobreza, da marginalidade e a migração expressam-se a partir da configuração afetiva do discurso memorialístico do “eu” migrante no processo de busca e reconstrução de sua identidade. A memória, portanto, conclama a experiência pretérita e habita no presente o sentimento de solidão. Um sentimento que importa menos pela reconstituição de fatos e mais pelas representações de uma identidade perdida.

Com uma vasta produção e destacando-se como um dos mais importantes escritores brasileiros contemporâneos, Torres já foi homenageado e recebeu diversos prêmios, tanto no Brasil, quanto no exterior. Em conjunto, já publicou 11 romances, 1 livro de contos, 1 livro para crianças, 1 livro de crônicas, perfis e memórias, além de dois projetos especiais para a TV (um documentário sobre o centro do Rio de Janeiro para a TV Cultura, São Paulo e *O circo no Brasil*, da série *História Visual da Funarte*, Fundação Nacional de Arte). Em 1998 o escritor foi condecorado pelo governo francês como “Chavalier des Arts et des Lettres”. No

Livro de Cabeceira



Pelo Fundo da Agulha

Cláudio Márcio da Silva (PPGEL/UNEMAT)

“O juízo da gente é assim como aquela linha fininha, que as costureiras enfiam no fundo da agulha. Quando se rompe, fica difícil de fazer remendo”. Eis a conformação da poética da solidão e da memória em *Pelo Fundo da Agulha*, de Antonio Torres, que aprisiona a consciência fugaz do Totonhim, aposentado do Banco do Brasil, isolado da família, recluso em seu apartamento, deitado em sua cama, refaz sua trajetória de vida. É pela configuração do discurso memorialístico que se imprime a consciência de irreversibilidade do vivido nas suas conseqüências materializadas em dor e sofrimento; ao mesmo tempo em que os vários tempos se desenrolam como amplitude de um passado individual, na mescla cinzenta e opaca, de experiências, de escolhas realizadas, dos sonhos e dos desejos. Rememorar e narrar se conformam como ato profundamente solitário, pelo efeito do monólogo a palavra aspira ao sentimento, o sentido de uma vida toda.

O último livro da trilogia e o mais poético, que se inicia com *Essa terra* e passa por *O cachorro e o lobo*, *Pelo fundo da agulha* traz a imagem do migrante diante da resposta inexorável da vida frente as escolhas, a desilusão, conformando um processo complexo e dolorido de identidade.